



ST19 MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DO ENSINO DE HISTÓRIA DA TRAMA AOS REGISTROS

1334

MEMÓRIAS DE ENSINO O ENCONTRO COM CLIO E AS NARRATIVAS DO FAZER

Taynnã Valentim Rodrigues¹
Auricelia Lopes Pereira²

Resumo: Este artigo é fruto de um projeto maior, intitulado: Memória nas Margens: História de Velhos/ PIBIC, financiado pelo CNPq e orientado pela Dr. Auricelia Lopes Pereira. Nosso principal objetivo é deixar falar e presta atenção no dizer do outro, visto que trabalhamos com memórias vivas mediante o intuitos de pensar o lugar dessas memórias, tal qual pertencimento, identidade, (re)construções de sentidos e temporalidade. Buscamos construir um espaço de fala que possibilite um dialogo marcado por lembranças e silêncios. Nesse projeto trazemos o estudo partindo da Ego-história, metodologia ainda pouco explorado dentre o campo historiográfico. A parte da ego-história dos protagonistas do nosso projeto buscamos observa como estes se relacionam com a docência, suas perdas, ganhos, organização de temporalidade, teorias, praticas, formação e ainda o envolvimento dos mesmos na fundação do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Visto que o trabalho com a ego-história envereda também por uma Micro-história, se partimos do pensamento de Carlos Ginzburg (1987) de que o particular convive intimamente com o geral. Nossos questionamentos também passearam em torno do encontro com Clio e como esta serviu a vida de nossos entrevistados. No presente artigo para esboça a dinâmica do nosso projeto, faremos uso de entrevistas realizadas com as professoras Martha Lúcia Ribeiro e Eliete Queiroz Gurjão.

Palavras-chave: Ego-História; Ensino; Memória.

O projeto a nível PIBIC intitulado “*Memória nas Margens: Histórias de Velhos*”, orientado pela professora Dr. Auricélia Lopes Pereira tem como preocupação trabalhar a memória de modo a analisar as narrativas orais de professores de história buscando o envolvimento destes com a docência e de que forma sua história pessoal se cruzou com o profissional. Procuramos ainda construir uma história que nos traga o

¹ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Bolsista do projeto: Memória nas margens: história de velhos (PIBIC/CNPq).

² Doutora com atuação no curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Orientadora do projeto: Memória nas margens: história de velhos (PIBIC/CNPq).

conhecimento em relação à formação dos cursos de história na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). O objetivo maior do nosso projeto é deixar falar e presta atenção no dizer do outro, de forma que assim, trabalhamos com a perspectiva hermenêutica e a análise do discurso Foucaultiana.

Fazemos uma discussão em torno da memória, visto que essa é a matéria prima da história. Entretanto, trabalhar com memória não é tarefa fácil, pois são vários os meandros e artifícios da mesma, porém, se buscou usar isso a nosso favor, aproveitando não só as falas mais também os silêncios e pausas. Perguntando-nos pelas ausências. Como evidencia João Carlos Tedesco (2004), trabalhar com memória mais do que complexos e desafiador e ainda mais se tratando de memória de pessoas vivas.

Lidar com memória é lidar com gente, com interpretações, com representações sociais e fatos históricos naturalizados e/ou pouco explicado em termos de origem, objetivo, intencionalidades, manifestas em condições de existência do passado, na atualidade e com intenções projetivas. (TEDESCO, 2004, p. 32).

As memórias não permanecem constantes nem iguais, pois estas se envolvem diretamente com a subjetividade de cada sujeito que vai estar de acordo com interesses pessoais e visões de mundo. Entretanto, em nosso projeto não procuramos trabalhar com a memória, tratando-a como um instrumento que sirva ao passado, mas sim como uma presentificação, ou seja, de forma que se permita questionar sentidos naturalizados no hoje. Assim, como afirma Michel Foucault (1984), pensar sua história de vida pessoal é encontrar libertação e novas formas de pensar o já pensado.

A memória possui mecanismos de defesa que traz esquecimentos involuntários ou até mesmo voluntários quando se trata de lembranças tortuosas que não agrada lembrar. Visto que nem toda amnésia é biológica. Jacques Le Goff (1981), afirma que são as pessoas que escolhem os elementos a serem transformados em recordação, escolhas que são intencionalizadas devido a interesses pessoais ou experiências prévias. Afirma Pierre Chaunu (1987) “Acreditei durante muito tempo que a memória servia para lembrar; sei agora que ela serve, sobretudo para esquecer.” A fala de Chaunu ratifica um dos mecanismos de defesa da memória, que é a ação de bloquear cenas amargas.

Nas entrevistas realizadas no decorrer do projeto, o entrevistado é convidado a falar sobre suas experiências profissionais, teorias e práticas. Entretanto, buscamos também o entrelaçamento do campo profissional com o pessoal que requer o envolvimento de amores, paixões, medos, decepções, alegrias e tristeza; pois não há como partir da perspectiva da Ego-história sem envolver o pessoal.

ALGUMAS COMPREENSÕES SOBRE EGO-HISTÓRIA

A Ego-história é uma metodologia ainda pouco conhecida no meio historiográfico que encontrou na obra “*Ensaio de Ego-História*”, organizada por Pierre

Nora (1987) sua publicação pioneira. Referente ao que seria a Ego-história Nora traz o seguinte:

Nem autobiografia falsamente literária, nem confissões inutilmente íntimas, nem profissão de fé abstracta, nem tentativas de psicanálise selvagem. O exercício consiste em esclarecer a sua própria história como se fizesse a história de um outro, em tentar aplicar a si próprio, cada um no seu estilo e com métodos que lhe são caros, o olhar frio, englobante, explicativo que tantas vezes se aplicou sobre outro. De explicitar, como historiador, o elo entre a história que se fez e a história que vos fez. (NORA, et al, 1987, p. 11)

A Ego-história funciona de forma a colocar o sujeito ao mesmo tempo enquanto ator e autor de sua história (a história que fez/faz dentro de uma só escrita.), isso partido da ideia como se estivesse tecendo a história de outro, só que em primeira pessoa. Proposta difícil, pois falar de si mesmo como se fosse outro pediria por uma objetividade/neutralidade.

Um olhar objetivo e neutro para com a história era a proposta da Escola Metódica no século XIX, acreditava que apenas partindo desse olhar seria possível obter a verdade. Entretanto foi se constatando que não há como se manter neutro e objetivo diante da história, pois a história em si é subjetiva portadora de verdades. Paul Veyne (1998) afirma: “Tudo é histórico, logo a história não existe”. Então como seria possível fazer uma Ego-história? Na verdade só é possível pensar uma ego-história dentro dessa episteme que estilhaça a camada de neutralidade e de objetividade do fazer historiográfico.

A ego-história deseja que seu autor/ator escreva como se estivesse a olhar-se em um espelho, de modo que esta não pretende negar a subjetividade do sujeito, pois a Ego-história procura expor o historiador (com seus pensamentos, emoções, teorias, verdades, paixões, fúrias e desejos) enquanto partícipio ativo da construção dessa história. Sendo assim, em nenhum momento a Ego-história pede que o historiador se apague diante da tessitura de sua trajetória.

Em relação à obra do Pierre Nora aqui já citada, O historiador Roger Chartier comentou o seguinte:

Quando Pierre Nora inventou esse conceito de Ego-História, que conduz o historiador a se colocar como objetivo do seu discurso, fez algo terrível porque todos os historiadores se precipitaram em contar suas vidas. [...] Para eles, isso significava transformar seu status na sociedade. Mais seus textos são, salvo algumas exceções, absolutamente chatos. Como diz Bourdieu, por que pedimos aos historiadores para contar, vidas em histórias? Fora existências como a de Jean-Pierre Vernant, herói da resistência francesa, os outros, os nossos, ordinários e banais, são insignificantes. Eles nos importam, mas não acho que mereça ser contadas. (DIAS in CASTELO et al, 2005, p. 267)

Ao fazer esse comentário Chartier, de certa forma, desconstrói a importância da Ego-história, evidenciando que não encontra interesses na construção de histórias de “comuns” partindo dessa perspectiva. No entanto, o conhecimento de histórias individuais associadas ao coletivo nos encaminha para uma micro-história, que em

nosso projeto nos levaria entre tantos caminhos, para o conhecimentos em relação à fundação dos cursos de História na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Os estudos em relação a Ego-história ainda são escassos, muito se têm para pesquisar em relação a esse novo conceito historiográfico, que encontra dificuldades em sua prática, como por exemplo, as ressaltadas por Pierre Nora (1987): “[...] a do silêncio sobre si e o sentimento de não poderem aplicar a eles próprios os métodos que estão habituados a aplicar aos outros” (p. 360). Falar de si, sem vírgulas nem pudor, e ainda mais como se estivesse a falar de outra pessoa e um trabalho árduo, seja por medos, esquecimentos, constrangimentos, contradições, entre tantos outros fatores que levam ao silêncio.

Como foi posto aqui, o nosso projeto tem por objetivo perceber como foi se cruzando a vida pessoal com a vida profissional de professores do curso de história presentes desde a fundação do respectivo curso nas então hoje chamadas UEPB e UFCG. Objetivamos perceber suas teorias, visões e atuação no campo da historiografia.

Através das Ego-Histórias tecidas em entrevistas realizadas pelo projeto, entre tantos pontos, nos foi possível tomar conhecimentos sobre a fundação do curso de História, visto que se passou a sentir essa necessidade de entender como funcionou a criação do curso tanto na UEPB como na UFCG.

Neste artigo abordaremos questões referentes às entrevistas realizadas com as professoras Martha Lúcia Ribeiro e Eliete Queiroz Gurjão. Após ampla contribuição para com a História, hoje se encontram aposentadas de suas atividades profissionais. Gentilmente aceitaram falar sobre os caminhos por elas percorridos, caminhos marcados pela beleza de Clio.

FRAGMENTOS DA EGO-HISTÓRIA DE MARTHA LÚCIA RIBEIRO E ELIETE QUEIROZ GURJÃO

Quando a gente começou a estudar aqui, o referencial teórico era o marxismo, uma teoria que revolucionou meu mundo de ponta cabeça. Por causa do marxismo eu tive coragem de botar para o ar, podemos dizer assim, um casamento de muitos anos. Eu perdi medo do escuro, eu perdi muito dos meus medos. Vivíamos a teoria, a gente procurava viver essa teoria com nossos alunos, até no processo de repressão, aqui, mesmo que de for sublinear. Ela não servia simplesmente de enfeite, a gente vivia essa teoria na nossa vida. (Entrevista realizada com Martha Lúcia Ribeiro Araújo, 13 de junho de 2012).

Este foi um fragmento da entrevista realizada com a professora Martha Lúcia Ribeiro, onde ela discorre sobre a importância da teoria na sua formação acadêmica e no desenvolvimento de sua atividade docente. Pela sua fala, podemos perceber o quanto a teoria Marxista foi importante na vida dessa mulher que diz não se fazer cativa das convenções. E não poderia ser diferente, pois Martha Lúcia não só teve uma formação com base Marxista como vivenciou militantemente os anos de chumbo em que ser professor de História era motivo suficiente para focar olhares repressivos.

Mas contornando situações, Martha atuou na educação da década de 60 até o ano de 2012 quando se afastou por completo das atividades acadêmicas. Martha Lúcia deixou de contribuir na educação mediante o ensino de História para contribuir agora com suas memórias a respeito de toda uma trajetória marcada pela História e os vínculos construídos através desta.

Sobre a formação do curso de História nas, então hoje, Universidade Estadual de Paraíba e Universidade Federal de Campina Grande, a professora afirma:

A licenciatura plena daqui da UEPB, antes tinha sido até Estudos Sociais, creio que surgiu na década de 70, é que não sou muito boa com datas; então, no início eram poucos os professores, tinha o professor Waldomiro Cavalcanti, Dona Zefinha, Elaine, do curso de Geografia. O professor Waldomiro foi o grande mentor. Depois quando já estávamos crescendo, com o curso estruturado, foi criando o curso de História na UFCG. Lynaldo Cavalcanti nos convidou e fomos, mesmo sem concurso. O professorado da UEPB foi todo arrebatado: Waldomiro, Dona Zefinha, Eliete, Socorro... esses quatro lembro que constituíram a base forte aqui do curso, e fomos todos para federal. (Entrevista realizada com Martha Lúcia Ribeiro Araújo, 13 de junho de 2012).

Segundo Martha Lúcia, o curso de História surgiu de fato na FURNE (Fundação Universitária Regional do Nordeste)³ na década de 70, mais precisamente em 1974. Quando começou, os professores que eram os pilares do curso era Waldomiro Cavalcanti, Josefa Gomes e Elaine Pinto Cavalcanti que atuava em Geografia. Pois, como História e Geografia dividiram por muito tempo o mesmo Departamento, havia uma ótima integração entre esses cursos.

A professora Martha Lúcia, Eliete Gurjão, Socorro Xavier, Leonília Amorim, entre outros, formaram as primeiras turmas de licenciatura Plena em História da FURNE. Terminado a graduação, todas começaram já a ensinar na própria FURNE, de forma que havia uma carência de professores formados de fato em História.

Na década de 80 vai ser fundado o curso de História também na Universidade Federal da Paraíba- Campus II⁴. Isso levava a migração de muitos professores da FURNE para UFPB- Campus II; entre eles estão Martha Lúcia e Eliete Gurjão. Com essa mudança, os professores que deram continuidade ao caminhar do curso de História na FURNE foram:

Os professores que sustentaram aqui, enquanto estávamos fora, que deixaram o curso funcionando bem, foram: Maria do Céu, Benira, Da Paz, que fez um livro muito bonito e que foi um dos baluartes daqui. Também dona Auréa [...] (Entrevista realizada com Martha Lúcia Ribeiro Araújo, 13 de junho de 2012).

³ A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) surgiu com o nome Fundação Universitária Regional do Nordeste (FURNE) 1966 e era paga. Só tornou-se UEPB em 1987 quando se estadualizou.

⁴ A Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) vai surgir a partir do Campus II da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) situada em João Pessoa. Vai se desmembrada e torna-se independente só em 09 de Abril de 2002 pela LEI Nº 10.419.

No final da década de 80 teve início o movimento pela estadualização da FURNE. Essa tentativa já havia sido feita alguns vezes, porém sem sucesso, só veio de fato se concretizar em 1987. Essa foi uma luta travada por toda uma equipe, deatando-se nomes como o Itan Pereira da Silva que, segundo Eliete Queiroz Gurjão, teceu o convite a alguns professores - em sua maioria já aposentados pela Universidade Federal da Paraíba -, para compor o quadro docente da então agora Universidade Estadual da Paraíba- UEPB. Vejamos:

[...] eu fui convidada pelo professor Itan para trabalhar como professora visitante na UEPB. Ai a UEPB já era estadualizada e precisava reconhecimento da universidade, estava precisando de professores com mestrado; a maioria dos professores só tinha graduação. Então foi o período que eu fiquei trabalhando na UEPB até o ano passado; sendo que eu trabalhei no começo como visitante e de 2000, 2001, 2002, em 2001... Eu fiz concurso para professora efetiva do quadro da UEPB. (Entrevista feita com Eliete Queiroz Gurjão, 29 de Abril de 2013.).

1339

Este é um trecho da entrevista realizada com a professora Eliete Queiroz Gurjão que gentilmente nos recebeu em sua residência para nos falar sobre os encantos de Clio em sua vida. Em uma tarde bastante agradável, Eliete nos revela que a História foi e continua sendo uma grande paixão em sua vida. A História se mostrou na vida da professora enquanto um eixo norteador de existência.

De acordo com Eliete Gurjão, o curso de História da FURNE teria passado por grandes dificuldades, entre elas estava o fato de ter sido implantado justamente em plena ditadura militar. Já o curso da UFPB- Campus II teria surgindo de forma mais tranquila, na medida em que teve início na década de 80 quando o período militar chagava a seu término. O único conflito mais grave que ocorreu inicialmente foi:

Quando ele foi criado havia um grupo que não queria que fosse criado esse curso porque já existia na UEPB. Então em meio a todo esse questionamento, oposição, criou-se o bacharelado. Ele foi criado como bacharelado [...], então era uma situação terrível para os alunos porque eles terminavam o curso e não tinham como trabalhar porque eles não eram aceitos, eles não eram da licenciatura, não podiam ensinar. Ai foi que nós implantamos a licenciatura, então ele ficou dividido em bacharelado e licenciatura. (Entrevista feita com Eliete Queiroz Gurjão, 29 de Abril de 2013.).

Resolvido esse conflito o curso de História da Universidade Federal da Paraíba, que teve como marco importante o nome do professor Josemir Camilo de Melo, cresceu com maior impulso e segundo Eliete passou a ser mais procurado.

Entre tantas alegrias proporcionadas pelo vínculo com a História, uma das maiores de acordo com Eliete Gurjão e Martha Lúcia foi a oportunidade de ter conhecido e estabelecido laços de amizade que perduraram no tempo. Laços para além do convívio profissional e acadêmico. Laços que ambas formaram também com seus alunos, pois em suas falas fica explícito que ensinar instaura na mesma medida a um ato de amizade e carinho.

REFERENCIAS

CHAUNU, Pierre; DUBY, Georges; LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre [et al.] **Ensaio de Ego-História**. Lisboa/ Rio de Janeiro: Edições 70, s.d.

DIAS, Claudete Maria Miranda. Roger Chartier: entrevista. In: CASTELO BRANCO, Emar Alencar; NASCIMENTO, Francisco Alves do e PINHEIRO, Áurea Paz. (Orgs.). **Histórias: Cultura e Sociedade, Cidade**. Recife: Bagaço, 2005.

FOUCAULT, Michel. “A Ética do Cuidado de si Como Prática da Liberdade”. In: **Ditos & Escritos V- Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

GOFF, Jacques. **O Nascimento do Purgatório**. São Paulo: Estampa, 1981.

TEDESCO, José Carlos. **Nas Cercanias da Memória: Experiência e Narração**. Passo Fundo: UPF: Caxias do Sul: EDUSCS, 2004

VEYNE, Paul. **Como se Escreve a História; Foucault Revolucionou a Escrita da História**. 4º Ed. Brasília: Ed. UNB, 1998.

FONTES ORAIS

ARAÚJO, Martha Lúcia Ribeiro. **Marthá Lúcia Ribeiro Araújo**. Depoimento [13 de Junho de 2012]. Entrevistadora: Dayane Nascimento Sobreira, discente do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Entrevista concedida ao projeto: *Memórias nas Margens: Histórias de Velhos*, orientado pela professora Dr. Auricélia Lopes Pereira.

SILVA, Eliete de Queiroz Gurjão. **Eliete de Queiroz Gurjão Silva**. Depoimento [29 de Abril de 2013]. Entrevistadoras: Taynnã Valentim Rodrigues e Dayane Nascimento Sobreira, discentes do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Entrevista concedida ao projeto: *Memórias nas Margens: Histórias de Velhos*, Orientado pela professora Dr. Auricélia Lopes Pereira.